

## A “Voz” de Chico Buarque Discursivizada Pelo MST: Uma Análise Dialógica

Chico Buarque's “Voice” discursivized by the MST: a dialogic analysis

Wagner de Alcântara Aragão\*<sup>1</sup>

\* Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Curitiba - PR, 80230-901,  
e-mail: waaprofessor@gmail.com

Nívea Rohling\*\*<sup>2</sup>

\*\* Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Curitiba - PR, 80230-901,  
e-mail: nivear@utfpr.edu.br

Maurini de Souza\*\*\*<sup>3</sup>

\*\*\* Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Curitiba - PR, 80230-901,  
e-mail: mauriniss@gmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise discursiva de um vídeo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), postado no *youtube*, com a participação do cantor e compositor Chico Buarque evento tradicional do Movimento. O objetivo da análise, ancorada na concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, foi o de verificar como, ao reenquadrar a “voz” de uma figura pública para determinado auditório social, o MST constrói um discurso sobre si e seus desígnios, e como esse discurso se contrapõe ao veiculado sobre o movimento pela mídia hegemônica. Os resultados apontam para o fato de que, ao se enunciar no referido audiovisual, o MST reenquadra a voz de tal personalidade em determinados espectros sociais (música, literatura, campo político progressista); assim constrói um discurso de chancela a seu próprio projeto de dizer. A reacentuação das falas do artista se contrapõe à narrativa depreciativa produzida em torno do Movimento, pela mídia hegemônica.

**Palavras-chave:** Análise Dialógica do Discurso, MST, Novas Tecnologias Informacionais.

**Abstract:** This article presents a discursive analysis of a video of the Landless

<sup>1</sup>Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), tem especialização em Ensino da Língua Portuguesa pela UTFPR, licenciatura em Geografia pelas Faculdades Integradas Espírita e bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (UniSantos). Docente da rede estadual de ensino técnico do Paraná e jornalista. E-mail: [waaprofessor@gmail.com](mailto:waaprofessor@gmail.com)

<sup>2</sup>Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná/Campus Curitiba. E-mail: [nivear@utfpr.edu.br](mailto:nivear@utfpr.edu.br)

<sup>3</sup>Doutora em Sociolinguística (texto publicitário Brasil - Alemanha) e mestre em Letras (Dialética no Teatro de Bertolt Brecht) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduação em Comunicação Social Jornalismo, em Letras Alemão e em Letras Português pela UFPR. É professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) e nas graduações de Comunicação Organizacional e Letras. E-mail: [mauriniss@gmail.com](mailto:mauriniss@gmail.com)

Rural Workers Movement (MST), posted on *Youtube*, with the participation of the singer and songwriter Chico Buarque in a traditional event of the Movement. The purpose of the analysis is anchored in the Bakhtin Circle's conception of language; it was to verify how, by reframing the “voice” of a public figure for a determined social audience, the MST constructs a discourse about itself and its purposes, and how this discourse contrasts with the hegemonic media about the movement. The results suggest the fact that, by expressing itself in that video, the MST reframes the voice of such personality in certain social spectra (music, literature, progressive political field); so it builds a seal of speech to his own project of saying. The reappraisal of the artist's speech contrasts with the depreciatory narrative produced around the Movement by the hegemonic media.

**Keywords:** Dialogic Discourse Analysis, MST, New Informational Technologies.

## INTRODUÇÃO

As representações construídas pelo discurso da mídia hegemônica<sup>4</sup> sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) são, conforme constata pesquisas e estudos científicos<sup>5</sup>, associadas à “baderna, violência ou relações de prevaricação com o poder público” INTERVOZES, 2011, p. 57). Desde as primeiras mobilizações que deram origem ao Movimento, ainda no final dos anos 1970, a cobertura da imprensa já denotava hostilidade para com os trabalhadores rurais (TEJERA, 2013).

Por mídia hegemônica, entendemos os meios de comunicação de massa de propriedade de grandes empresas privadas e comerciais, que dominam os veículos de comunicação de grande audiência. Para se contrapor à mídia hegemônica o MST, desde sua fundação, em 1984, preocupou-se em dispor de seus próprios meios para se comunicar com seu público interno e com a sociedade (BARBOSA, 2013). Ainda,

---

<sup>4</sup> Neste estudo, “velha mídia” ou “mídia hegemônica” é tomada como aquela que reúne os mais variados meios de comunicação (incluindo meios digitais, “novos”) de propriedade, privada, de empresas tradicionais no ramo da comunicação. São aqueles meios que ecoam as vozes representadas por essas empresas, que transmitem o discurso o qual, nas relações sociais de poder, vinga como discurso hegemônico. Já o termo “nova mídia”, por sua vez, engloba ferramentas convencionais - jornais, revistas, rádio, televisão -, no entanto que estejam nas mãos de entidades da sociedade civil organizada, como os movimentos sociais, grupos representativos (coletivos) de segmentos da sociedade historicamente discriminados ou marginalizados, que produzem por esses veículos discurso(s) de contestação e resistência ao discurso dominante. É também chamada “mídia alternativa” ou “mídia independente”.

<sup>5</sup> INTERVOZES (2011) analisou 301 reportagens que citaram o MST, entre 10 de fevereiro e 17 de julho de 2010 (período da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que investigou o Movimento). Foram analisadas matérias jornalísticas publicadas pelos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo; pelas revistas Veja, Época e Carta Capital; e veiculadas pelos telejornais Jornal Nacional, da Rede Globo, e Jornal da Record, da Rede Record. Ferreira, Resende Neto e Souza (2016a) escrevem, sobre o silenciamento imposto pela grande mídia ao movimento e, em outro capítulo (2016b), analisam as abordagens do Jornal Nacional sobre o MST. Souza e Silva (2013) analisam o sujeito que emerge das notícias do Jornal Hoje (rede Globo) sobre o MST.

segundo o mesmo autor, a partir dos anos 2000, com a internet e suas mídias se expandindo, o MST aprimorou sua política comunicacional para estar presente no ciberespaço. À medida que foram surgindo as redes sociais digitais, criou seu site de modo a aderir a tais redes; abriu perfil no *twitter*, depois no *facebook*, *youtube*, *flickr* e, mais recentemente, *instagram*.

Em outras palavras, a partir do uso de seus canais digitais de Comunicação Social, o MST produz tal contradiscurso a fim de furar o bloqueio que historicamente o Movimento enfrenta do oligopólio dos veículos de comunicação de propriedade privada - a chamada “velha mídia” ou, como classificam lideranças do próprio MST, “a mídia burguesa”<sup>6</sup>.

Nessas mídias exclusivas do ciberespaço<sup>7</sup>, mais especificamente nas chamadas redes sociais digitais,<sup>8</sup> o MST apresenta sua versão sobre fatos envolvendo sua área de atuação, sua posição valorativa diante dos acontecimentos da vida política, econômica e social do Brasil. Por meio dessas mídias, o Movimento constrói seu discurso dispensando a mediação dos veículos de comunicação hegemônicos. Mais ainda: constrói, de certo modo, um contradiscurso ao da mídia hegemônica.

Neste artigo, observamos como a construção de tal contradiscurso se dá no *youtube*, rede social digital caracterizada por ser um espaço em que linguagens sincréticas<sup>9</sup> se materializam em conteúdos audiovisuais. De acordo com informações disponíveis na página do MST no *youtube*<sup>10</sup>, o Movimento está inscrito no canal desde 14 de julho de 2010. Dessa data até o momento de produção deste artigo (dezembro de 2019), o vídeo “mais popular” (classificação dada pelo próprio *youtube* aos mais visualizados) foi o vídeo intitulado “Chico Buarque em amistososo com o MST”. Postado em 15 de dezembro de 2015, até 27 de outubro de 2019 contava com 63 mil visualizações, num universo em que o total de visualizações de vídeos em todo o canal foi de 861.178. Por ser o de maior alcance e adequado a nossos objetivos, optamos por ele como objeto de análise para este texto.

---

<sup>6</sup> Em seus enunciados – notícias no site, postagens em redes sociais, artigos de lideranças do movimento – o MST se refere aos veículos de comunicação dos grandes grupos privados como “mídia burguesa”.

<sup>7</sup> Baseamo-nos sobretudo em Lévy (1999) na adoção desse conceito. Entendemos “ciberespaço” como o ambiente, ou ambientes, de relações sociais, que se dão em esfera virtual, isto é, aquela sustentada pela plataforma midiática internet.

<sup>8</sup> Seguimos o conceito de “redes sociais” trazido por Recuero (2011), qual seja o de redes de interação social, isto é, de comunicação ente indivíduos, mediadas por computador, via internet.

<sup>9</sup> Ao mencionarmos “linguagens sincréticas”, temo usado por Fechine (2009), nos referimos a enunciações multissemióticas.

<sup>10</sup> O endereço da página é o <<https://www.youtube.com/user/videosmst>>. Acesso em 11/06/2018.

Como base teórica à análise proposta, inicialmente apresentamos o quadro teórico mobilizado em torno dos conceitos de linguagem, dialogismo e enunciado, elaborados pelo Círculo de Bakhtin. A seguir, fazemos uma exposição dos aspectos metodológicos imbricados no estudo. Por fim, apresentamos a análise do enunciado em tela, a saber, o vídeo “Chico Buarque em amistoso com o MST”, postado no *youtube*.

## A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

A concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin é, no campo dos estudos de linguagem, o referencial teórico basilar deste artigo. Assinalamos que, de acordo com os estudos do Círculo de Bakhtin, linguagem existe a partir da interação humana e social dos indivíduos. Essa interação se dá pela linguagem, ao mesmo tempo em que a linguagem só se constitui quando há tal inter-relação:

Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua ideologicamente preenchida, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica. Por isso a língua única exprime as forças da unificação verbo ideológica concreta e da centralização que ocorre numa relação indissolúvel com os processos de centralização sociopolítica e cultural. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 40)

Essa concepção, linguagem como materialização das interações humanas e sociais, leva ao entendimento de que a linguagem é essencialmente dialógica. Dialogismo, nessa perspectiva, vai muito além das interações face a face entre interlocutores; dialogismo com tudo o que já foi dito no mundo; com o que possivelmente será dito, respondido. O que é pronunciado, por meio dos enunciados – uma fala, uma notícia, um aviso, uma mensagem, um vídeo – de alguma forma é fruto do que já foi pronunciado, ou do que se espera que se enuncie, ou das reações respostas possíveis a tal enunciação.

O dialogismo, na ótica bakhtiniana, é compreendido como inerente à linguagem e constituída a partir de relações dialógicas que se marcam materialmente (opções lexicais, recursos fraseológicos, gramaticais) de vozes, discursos, enunciados outros, em um determinado enunciado. Referem-se a possíveis respostas, ou previsíveis reações, concordantes ou dissonantes, ao enunciado em questão. Como salienta Bakhtin (2016

[1952-1953], p. 103), “(...) as relações dialógicas são bem mais amplas que o discurso dialógico no sentido restrito. Entre as obras discursivas profundamente monológicas sempre estão presentes relações dialógicas”.

São relações dialógicas no sentido de que todo enunciado, de alguma forma, conversa – dialoga – com enunciados outros, com o que já foi dito no mundo, ou com o que poderá ser dito (inclusive como resposta ao enunciado primeiro). Toda fala é fruto de falas outras e espera falas futuras, como afirma Bakhtin (2014)<sup>11</sup>.

(...) todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. (BAKHTIN, 2014 [1924-1970], p. 86)

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem, bem como as relações dialógicas, se materializam por meio de enunciados. Conforme Volochínov (2013 [1920-1930], p. 158), “a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações”. E os enunciados são constituídos por palavras, orações, entre outras formas de expressão (inclusive de diferentes materialidades semióticas). Não são, porém, palavras, orações, composições semióticas pronunciadas, escritas ou geradas isoladamente, ou mecânicas, soltas, dispersas num vácuo social. São, isso sim, construtoras de enunciações/discursos, carregadas de entonação e ideologias constituintes, pois, do enunciado.

É o enunciado que possibilita a interação sociodiscursiva nas relações humanas, em diferentes esferas da atividade da vida em sociedade. Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 28) define o enunciado “como a *real unidade* da comunicação discursiva” (grifo original), diferentemente da oração, unidade da língua. O enunciado assume tal definição porque “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso”. Acrescenta o mesmo autor: “Os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 29).

Enunciado é, portanto, de acordo com a mesma referência, o modo pelo qual a língua se materializa no campo da vida vivida, ou seja, deixa de ser um objeto abstrato e

---

<sup>11</sup> De acordo com a “Nota da edição russa”, os textos que compõem a presente referência foram escritos por Bakhtin em diferentes épocas. Há textos desde 1924 aos anos 70 do século XX.

se torna, enfim, algo efetivo, real. Volochínov (2013 [1920-1930], p.171-172) explica que cada enunciação é composta de duas partes – “uma *verbal* e outra *não verbal*” (grifo do autor). A parte não verbal tem relação intrínseca com a dimensão social em que uma palavra é manifesta, e é a partir dessa dimensão social que se pode inferir o significado de uma determinada palavra. Compõem a parte não verbal o espaço e tempo em que se situa a enunciação; o objeto ou tema de que trata a enunciação; e ainda a valoração, isto é, a atitude dos interlocutores diante da enunciação expressa.

A parte verbal, por sua vez, constitui-se, segundo Volochínov (2013 [1920-1930], p.173-174), da entonação da enunciação, da seleção das palavras que compõem tal enunciação e a disposição dessas palavras. Ao analisarmos enunciados do MST em redes sociais de comunicação interativa, marcadas pela linguagem multissemiótica, consideramos não só as palavras escritas, mas também fotografias, ilustrações, frames<sup>12</sup> como elementos que são intencionalmente selecionados e dispostos pelo enunciador.

Pela entonação de um enunciado e ainda pelos recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais e semióticos selecionados pelo enunciador, é possível localizar a cadeia enunciativa da qual emergem o discurso/vozes materializadas na referida enunciação. Portanto, o discurso/enunciado transforma palavras, frases, falas originalmente soltas, abstratas, em uma palavra com significado concreto, possibilitando de fato a comunicação – a interação social - entre os interlocutores. Temos aqui indissociável relação entre enunciado e discurso, uma vez que o “discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 274).

Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 11) afirma que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, e que os enunciados vão ao mesmo tempo refletir e refratar essas interações sociais, da vida vivida:

[Os enunciados] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo [de atividade humana] não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolavelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de comunicação.

---

12 Imagem fixa de uma produção audiovisual; em enunciações na internet, é como estaticamente um vídeo “aparece” em uma postagem.

(BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 12)

Conforme aponta Bakhtin (2003 [1979], p. 270), a frase e a oração são unidades abstratas, descontextualizadas da vida real do falante, estão no plano da língua. Já o enunciado, por sua vez, é entendido como a unidade da comunicação discursiva, carregada de matizes ideológicos, é responsivo e gera resposta; não surge em um vácuo social, mas do que já foi dito e vivido no mundo. Assim, o enunciado está no plano do discurso, uma vez que

(...) todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes - seus e alheios - com os quais o enunciado entra nessas ou naquelas relações (...) Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 272)

As “tonalidades ideológicas”, das quais o “enunciado é pleno”, conforme Bakhtin (2016 [1952-1953]), devem ser levadas em conta, porque sem considerá-las “é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” ([1952-1953], p. 59). As tonalidades ideológicas são fruto das opções lexicais, da entonação, da ideologia constituinte de um determinado enunciado; por tais tonalidades podemos inferir com qual enunciado outro, ou com qual interlocutor, um determinado enunciado interage, responde, ou de quem/do qual espera resposta, posicionamento; provoca reação resposta.

Isso ocorre porque “a expressão do enunciado, em maior ou menor grau, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 58). Quando o MST se pronuncia, em quaisquer mídias sociais (*twitter*, *facebook*, *youtube* ou outras) sobre reforma agrária, não expõe apenas uma relação sua com o tema “reforma agrária”. Expõe também a relação sua – e de seu respectivo enunciado – com outros interlocutores. Materializa a sua relação com o que já foi dito (por grandes veículos de comunicação, ou por figuras públicas, ou por documentos oficiais ou outros) sobre “reforma agrária”: a relação do MST com uma ampla cadeia enunciativa em torno de tal assunto, endereçada aos seus interlocutores.

É o que Volochínov (2013 [1920-1930], p. 163) denomina “intercâmbio de enunciações (...)”, a forma mais natural da linguagem”. Cada enunciação – uma palestra,

um discurso oficial proferido, uma conferência, conforme exemplifica o autor, e podemos acrescentar mencionando uma postagem em rede social – é dirigida a ouvintes, “atentos (...), que não são uma massa indistinta, inerte, imóvel, de pessoas que o seguem com indiferença. Ao contrário, diante do orador está um interlocutor vivo”.

Sendo assim, o enunciado de um falante é inevitavelmente endereçado a outros falantes (e aos enunciados desses falantes). Volochínov (2013, [1920-1930], p. 157) sentencia: “[cada enunciação] é sempre orientada para o outro, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real”. Ou, como sublinha Bakhtin (2016 [1952-1953], p.62), “um traço essencial (constitutivo) do enunciado é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento”. E ainda, em outras palavras,

Ao construir meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda sorte de subterfúgios, etc) (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 63)

A partir dessa noção de enunciado, está aqui, portanto, uma fundamental questão para a presente análise: a quem se dirige o MST em seus enunciados? Qual, pois, o auditório social? Como se dá a relação dialógica com esse auditório? Sobre quem ou que (objeto para o qual se volta o enunciado) são também essas enunciações? Que evidências disso podem ser inferidas em seus discursos?

Podemos dizer que seus interlocutores vão além daqueles imediatos, conforme explica Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 104). Segundo o filósofo da linguagem, “o autor do enunciado propõe, com maior ou menor consciência, um supradestinatário superior”. Será sobremaneira importante identificar esse “supradestinatário” a quem o MST se dirige (ou a quem procura responder, ou responde) em seus enunciados.

Por fim, todo enunciado é produzido tendo em vista uma intenção discursiva do falante, uma vez que:

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva ou a vontade de produzir sentido por parte do falante, que determina a tonalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953])

Até aqui apresentamos conceitos basilares deste estudo, em especial, as noções de linguagem e enunciado elaboradas pelo Círculo de Bakhtin, a seguir, apresentamos aspectos relacionados às escolhas metodológicas para análise proposta.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Conforme já mencionado, neste texto, apresentamos a análise de um enunciado sincrético, a saber, um vídeo postado no *youtube*, intitulado: “Chico Buarque em amistoso com o MST”. Para tanto, assumimos como referencial teórico e metodológico a Análise Dialógica do Discurso, com base nos escritos do Círculo de Bakhtin<sup>13</sup> para analisar/compreender como o MST se enuncia; e que sentidos produz no vídeo em tela.

A Análise Dialógica do Discurso tem como premissa *sine qua non* o levar em conta a situação de interação discursiva, ou ainda, os elementos extraverbais de um enunciado, que estão intimamente ligados às relações sociais, culturais, políticas e econômicas em que o sujeito enunciadador (no caso, o enunciadador é uma instituição) está inserido na situação de interlocução.

Brait (2006) assinala que,

(...) uma das características de uma teoria/análise dialógica do discurso: não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico, num embate. (BRAIT, 2006, p. 24)

A análise dos dados parte dos textos-enunciados – afinal, se os estudos do Círculo de Bakhtin são a base da Análise Dialógica do Discurso desta pesquisa, é do próprio Bakhtin (2003 [1979]) que extraímos tal premissa:

Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida (...) A interpretação de um texto como modelo (os juízos modelares, os silogismos na lógica, as orações na gramática, a 'comutação' na linguística, etc) (...) O texto como enunciado. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 308)

Frisamos a necessidade de a análise dos dados – do texto como enunciado –

---

13 Ressalve-se que o termo “Análise Dialógica do Discurso” não foi alcunhado propriamente pelo Círculo de Bakhtin; trata-se, sim, de uma criação de pesquisadores contemporâneos produzida a partir da teorização do Círculo, como, por exemplo, nos trabalhos de Faraco (2003); Brait (2006); Rohling (2014).

estar relacionada não exclusivamente ao enunciado, ao texto em si. É indispensável a correlação com o amplo contexto interacional em torno (político, social, cultural, histórico, geográfico) dos enunciados investigados. A expressão da análise propriamente dita – o texto resultante da pesquisa – também carregará o que Bakhtin (2003 [1979]) chama de “contexto emoldurador”:

O acontecimento da vida do texto, isto é, sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, dois sujeitos (...) a complexa inter-relação do texto (objeto de estudo e reflexão) e do contexto emoldurador a ser criado (que interroga, faz objeções, etc), no qual se realiza o pensamento cognoscente e valorativo do cientista. É um encontro de dois textos – do texto pronto e do texto a ser criado, que reage; conseqüentemente, é o encontro de dois sujeitos, de dois autores. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 311)

A análise será sempre, pois, resultado de um encontro de múltiplas vozes, se nos ancoramos em Amorim (2004, p. 16): “Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um outro, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do outro no texto”. Ou ainda: “O objeto que está sendo tratado num texto de pesquisa é ao mesmo tempo objeto falado, objeto a ser falado e objeto falante.” (AMORIM, 2004, p. 19).

E, ainda, na Análise Dialógica de Discurso, as categorias de análise são observadas a partir das regularidades que emergem dos próprios dados, sendo, pois, uma perspectiva analítica que se realiza na observação durante o processo de fazer pesquisa (ROHLING, 2014). Nesse sentido, “não se podem aplicar as mesmas categorias de uma pesquisa já feita a outra, pois o dado é sempre o discurso concreto e único proferido em um determinado espaço e tempo e por determinados interlocutores” (ROHLING, 2014, p. 47).

Rohling (2014) sumariza alguns parâmetros analíticos no âmbito dos escritos do Círculo de Bakhtin, que podem orientar as análises de produções discursivas contemporâneas sobretudo as de materialidades multissemióticas, são eles: a) O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas; b) A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção discursiva; c) O estudo do cronotopo (espaço-tempo discursivo) dos enunciados; d) O estudo do horizonte temático - valorativo dos enunciados; e) A análise das relações dialógicas que evidenciem a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados,

discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenuniação e reacentuações de discursos (ROHLING, 2014).

Ademais, o objeto de investigação, neste artigo, é uma enuniação multissemiótica, em formato audiovisual. Formato este, por sinal, extraordinariamente valorado como meio de comunicação, de acordo com Poe (2011). Para o autor, o sucesso do audiovisual é explicado até por razões da natureza humana. É dessa natureza o gostar, o preferir assistir e ouvir, segundo o referido autor. A partir do momento em que a sociedade alcançou um grau de desenvolvimento tecnológico que possibilitou a constituição da mídia audiovisual, esta se consolidou em poucas décadas – ao contrário de meios como a escrita e a imprensa, por exemplo, que levaram séculos, milhares de anos para se fixarem.

Ainda na avaliação de Poe (2011), o capitalismo industrial, o Estado de Bem Estar Social, o liberalismo – em especial o cultural – alçaram o audiovisual à condição de uma mídia valorizada. A velocidade com que, depois de constituída, expandiu-se, ocorreu “porque amamos [seres humanos] ver e ouvir” (POE, 2011, p. 121). Com o advento e posterior expansão da internet, ampliou-se o potencial de disseminação de conteúdos audiovisuais, dada a facilidade não só de se acessar, como de distribuir e compartilhar conteúdo, avalia Poe (2011). É o que se observa empiricamente com o *youtube*.

Souza et al. (2016a) demonstram que, a despeito de todos os esforços para terem seus feitos transmitidos pela grande mídia, a fim de ratificarem sua existência junto à população brasileira, o MST é silenciado. Dessa maneira, tal existência é apresentada por meio dos atos, nas grandes cidades, reivindicando seus direitos:

(...) tudo que o MST faz transcende a luta pela reforma agrária e visa não apenas alcançar a reorganização da estrutura fundiária brasileira. São, porém, métodos encontrados pelo Movimento para se fazer presente no dia a dia de populações que não têm contato direto com suas ações. Assim, enquanto se mantém vivo nos noticiários de grandes e pequenas redações jornalísticas em todo o Brasil, o MST do Brasil continua vivo nos imaginários social e político brasileiros, mesmo suportando uma imagem negativa. (SOUZA et al. 2016a, p. 223)

E nos espaços que conquistou nas mídias sociais, em que é capaz de construir sua narrativa sobre a vida social, falando de si, de seus temas, suas lutas, sua orientação ideológica, seu *modus operandi*, e nesse dizer se opõe ao ponto de vista da mídia hegemônica. Não é uma oposição explícita, mas cuja forma de narrar a vida social

aponta para um distanciamento e oposição ao discurso da mídia hegemônica. A partir do entendimento do contexto, da conjuntura, conseguimos identificar tal divergência, e sobretudo a entonação dada a essa disparidade de valorações, de narrativas da vida social; é possível identificarmos, portanto, pontos de reação-resposta do MST à mídia hegemônica no material analisado neste artigo. Dentre as diversas enunciações do MST nas mídias digitais, analisamos um enunciado específico, postado no *youtube*. Nessa plataforma audiovisual, há marcante conjunto de enunciações em que vozes de terceiros são enquadradas e ressignificadas pelo Movimento com o intuito de referendar seu reconhecimento e credibilidade por setores da sociedade.

A fim de verificar se é recorrente, por parte do MST, lançar mão do reenquadramento de outras vozes, como feito com a de Chico Buarque, no *youtube*, listamos os 20 vídeos mais populares no canal do Movimento na referida rede social:

**Quadro 1** - Vídeos mais assistidos do canal do MST no *youtube* |

TÍTULO	DATA	VISUALIZAÇÕES	DURAÇÃO	DO QUE TRATA O VÍDEO
1. Chico Buarque em amistoso com o MST	15/09/2015	62 mil	6'39"	Entrevista com o cantor e compositor Chico Buarque, feita em futebol de confraternização com o MST, do qual o artista participou.
2. Rage Against the Machine dedica música ao MST	09/10/2010	56 mil	3'07"	Em show no Festival SWU, banda dedica música ao MST.
3. Agrotóxico no leite materno e opinião da senadora Kátia Abreu	10/08/2014	30 mil	2'33"	Trecho do documentário “O veneno está na mesa”.
4. Chávez vive no coração do Brasil	04/03/2015	25,4 mil	16'37"	Documentário sobre o legado de Hugo Chávez.
5. Mulheres contra o eucalipto transgênico	05/03/2015	21,7 mil	2'35"	Ocupação da fábrica da Suzano (papel e celulose), em Itapetininga/SP.
6. Tucuruí – A saga de um povo	15/12/2010	17,5 mil	16'42"	Documentário sobre a barragem da usina, no Pará.
7. Eu apoio o MST – Zack de la Rocha	13/09/2010	14,1 mil	1'27"	Declaração de apoio do vocalista da banda Rage Against the Machine ao MST.
8. Quem somos? MST	15/01/2015	14 mil	2'52"	Institucional sobre o MST.
9. Eu apoio o MST – Benício del Toro	17/09/2010	12 mil	3'07"	Declaração de apoio do ator, em visita que fez à Escola Nacional Florestan Fernandes.
10. Lutar, construir Reforma Agrária Popular	11/12/2014	10 mil	29'18"	Documental resumindo o 6º Congresso Nacional do MST.
11. Papa apoia luta pela	16/12/2013	9 mil	1'05"	Depois de receber camponeses de todo o

terra					mundo, Papa Francisco declara apoio à luta dos movimentos pela terra.
12. Ocupação dos sem terrinha no MEC	13/02/2014	8,8 mil	4'05"		Imagens do ato, realizado durante o VI Congresso Nacional do MST.
13. João Pedro Stedile apoia Plebiscito Constituinte	05/09/2014	8,4 mil	1'34"		Declara apoio ao plebiscito promovido por movimentos sociais sobre a eleição para uma Assembleia Constituinte.
14. Antônio Cândido faz homenagem a Florestan Fernandes	09/08/2010	6,9 mil	5'31"		Participação do crítico literário em evento promovido pelo MST em sua Escola Nacional Florestan Fernandes.
15. MST marcha por Reforma Agrária	12/02/2014	6,8 mil	3'40"		Marcha em Brasília, durante o 6º Congresso Nacional do MST.
16. João Pedro Stedile fala sobre o pedido de prisão de Lula, por Sérgio Moro	05/04/2018	6,4 mil	5'24"		Pronunciamento de Stedile sobre o pedido de prisão do ex-presidente Lula, feito naquele dia pelo juiz de primeira instância Sérgio Moro
17. Saudação do Presidente Mujica ao 6º Congresso Nacional do MST	14/02/2014	5,8 mil	2'09"		Vídeo gravado pelo líder uruguaio, exibido no 6º Congresso Nacional do MST.
18. Massacre dos Carajás – a impunidade continua	16/04/2012	5,6 mil	4'30"		Denuncia a falta de punição aos responsáveis pelo Massacre de Eldorado dos Carajás.
19. Em Cada Canto de Minas [Bruna Galvino]	14/02/2017	5,4 mil	4'35"		Áudio de música homônima, ilustrada por uma arte.
20. Lutas.doc – Guerra Cotidiana	14/07/2010	4,5 mil	3'43"		Trecho do documentário Lutas.doc.

Elaboração: Os autores (2020).

O *Quadro 1* mostra que, dos 20 vídeos mais populares, em oito deles explicitamente há vozes de personalidades se enunciando diretamente em defesa do Movimento ou a favor de causas que fazem parte da bandeira de lutas do MST. Depoimentos feitos por terceiros são reenquadrados, e essas vozes primeiras são incorporadas e constituídas em enunciação do MST. Os títulos dos vídeos ressaltam “apoios” de terceiros ao Movimento e sua luta - num processo de exotopia, qual seja o do “o olhar do outro” sendo trazido para “olhar-se a si mesmo” (AMORIM, 2006). Afinal, são discursos enunciados não por lideranças, assentados ou acampados do MST. São artistas, intelectuais, lideranças políticas de grande representatividade e influência na sociedade, reverberando sintonia com o Movimento e suas causas.

Destacamos o 11º vídeo mais popular, “Papa [Francisco] apoia luta pela terra”. O respeitado pontífice não diz, textualmente, apoiar o MST; apoia, sim, “a luta pela terra”, que vem a ser, todavia, a razão de existir do Movimento. A mensagem implícita é: se a luta pela terra é apontada pelo líder do Vaticano como justa, necessária, o MST,

ao ser representante de destaque nessa luta, é, por tabela, um movimento indispensável, legítimo. Ao reenquadrar a voz do Papa, o MST se enuncia dialogando com sua própria grande temporalidade: o Movimento nasce com fortes vínculos com as igrejas cristãs, em especial a católica. É de 1975 a fundação, por exemplo, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Igreja Católica, que contribuiu fundamentalmente para a formação do MST (POLETTI, 2010).

No 17º vídeo mais popular, outra significativa liderança – o ex-presidente uruguaio Pepe Mujica – tem seu discurso reenquadrado, constituindo enunciação do MST cujo “olhar do outro” constrói um discurso que legitima o Movimento. O título do vídeo (“Saudação do Presidente Mujica ao 6º Congresso Nacional do MST”) procura transmitir ao interlocutor que a afeição de Mujica (que se tornou referência como Presidente do Uruguai em todo o planeta) é tamanha, que ele se empenhou em gravar, e transmitir, mais que mensagem de apoio –uma “saudação”, dirigida diretamente, sem porta-voz ou representante - aos próprios integrantes do MST, participantes do 6º Congresso Nacional do Movimento.

Neste artigo, delimitamos para análise o vídeo com maior visualização, ou seja, a entrevista com o cantor e compositor Chico Buarque. Temos nesse vídeo uma figura pública intelectual, do meio artístico (Chico Buarque), a demonstrar, por suas palavras e atitudes exibidas no enunciado audiovisual, simpatia, apoio ao movimento, conforme apresentamos na seção a seguir.

## O REENQUADRAMENTO DA “VOZ” DE CHICO BUARQUE

Passemos, então, à análise do enunciado delimitado, o vídeo “Chico Buarque em amistoso com o MST”. Trata-se de uma entrevista, feita pelo próprio MST, sobre a participação de Chico Buarque em um amistoso de futebol com integrantes do MST. A postagem no *youtube* desse vídeo está reproduzida na figura 1, a seguir:



§

Primeiramente, é preciso situar esse enunciador-autor. Quem posta e assina esse vídeo é o MST. O Movimento é o autor que se enuncia; trata-se, pois, de um enunciador institucional. Inserido nesse cenário de embates ideológicos, políticos e econômicos, e em decorrência dessa mazela, de quase cinco séculos, é que nasce o MST, em 1984. Analisando os primeiros 20 anos de existência formal do MST, Sampaio (2010) considera que o Movimento foi fundamental para recolocar na agenda política a pauta da reforma agrária, em destaque nos anos 1950 e 1960, mas sufocada no pós-golpe de 1964. A pressão do MST foi importante para que instâncias políticas lançassem um novo olhar sobre a luta. O discurso do Movimento em torno da importância da terra contribuiu também para por em xeque a lógica capitalista no campo. Desde a fundação, por exemplo, o Movimento - em sua estrutura organizacional - reserva preocupação especial com a comunicação, interna (isto é, para com seus integrantes, militantes e simpatizantes) e externa (para com a sociedade em geral).

Dessa forma, identificamos o MST como sendo um “produtor social” de que falam Toro A. e Werneck (1997, p. 38), isto é, um ator social (institucional, no caso) capaz de criar condições para a mobilização em torno de uma causa (a da reforma agrária e, de forma incisiva contemporaneamente, a democratização das comunicações), ao mesmo tempo que exerce a função de editor social. Esta, segundo Toro A. e Werneck (1997), é aquela assumida por um produtor social ao exercer a função de comunicador social. No exercício dessa função de comunicador social, o MST, que já editava veículos de mídias convencionais (jornais, revistas, rádios), lança mão das novas tecnologias informacionais, à medida que a internet se estabelece e se expande nas relações sociais.

Assim, vale destacar que com o advento da internet e todo o horizonte de possibilidades comunicacionais que o ciberespaço possibilita, o MST constatou que o

auditório social poderia ser expandido, ou que poderia adentrar a outros mais difíceis de serem penetrados. O MST começa o século XXI se estabelecendo em site próprio, e na sequência ocupando as emergentes redes sociais digitais. Essas novas mídias foram incorporadas como espaços privilegiados de enunciação. Constatamos que sim, o MST lança mão das novas tecnologias informacionais para se enunciar sobre si, sobre suas lutas. E se apropriou dessas novas mídias para se contrapor discursivamente às mídias hegemônicas. O MST, de modo, assumiu-se como um movimento que tem como bandeira de luta essencial também a luta pela democratização das comunicações. Por tal luta encampada passa a assunção de um discurso de denúncia de monopólios e oligopólios do setor, de denúncia da *práxis* antiética, amoral, ilegítima - desse oligopólio midiático. Se alguém nos perguntar “o que é o MST?” hoje, invariavelmente a resposta poderia ser: o MST é um movimento social brasileiro, de defesa da reforma agrária e de combate à mídia hegemônica.

É imprescindível também identificar para quem fala, ou seja, o “auditório social” que incide sobre a enunciação. Para Volochínov (2013 [1920-1930], p. 92): “O tom principal do estilo de uma enunciação se determina, desta maneira, em função da pessoa de quem se trata e em que relação se encontra com o falante: se é superior, inferior ou igual a este na escala da hierarquia social”.

No caso do MST, são militantes de causas sociais, instituições, artistas, lideranças sociais e políticas de considerável envergadura enfim o auditório social com o qual o Movimento dialoga. Ainda, é possível aventar que, na interação via *youtube*, bem como em outras mídias digitais, o enunciador vislumbra aquilo que o Círculo de Bakhtin define como o *superdestinatário* de um discurso. Isto é, possíveis outros interlocutores que não diretamente aqueles de determinada interação discursiva. O superdestinatário é aspecto constitutivo do enunciado, ressaltam Emerson e Morson (2008), que detalham:

(...) com maior ou menor grau de percepção, todo enunciado constitui-se igualmente de outro tipo de ouvinte, o ouvinte supremo (...) Esse superdestinatário responderia ativa e simpaticamente ao enunciado (...) o superdestinatário incorpora um princípio de esperança. Ele está presente, mais ou menos conscientemente, em qualquer enunciador. (EMERSON e MORSON, 2008, p. 151)

Em suma, esses elementos fazem parte do extraverbal a definir especificidades de cada cadeia enunciativa. Além disso, Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 21) afirma que a

análise do discurso considera forma e conteúdo como inseparáveis, porque ambos (forma e conteúdo) “são indivisos no discurso concebido como fenômeno social”. Dessa forma, a análise que segue leva em conta o discurso verbalizado no decorrer do vídeo, ao mesmo tempo em que considera aspectos da linguagem audiovisual empregada: enredo, sequência narrativa, roteiro, fotografia e sons constituintes da enunciação em questão (o sincretismo de que trata Fechine (2009).

Importante, antes de tudo, contextualizar o cronotopo (relação tempo-espaço) da enunciação e as condições de produção e circulação de tal enunciado. Temos um vídeo publicado no canal do MST no *youtube* em 15 de setembro de 2015, sobre uma partida de futebol entre o time de Chico Buarque e uma equipe formada principalmente por integrantes da Federação Única dos Petroleiros (FUP) e do MST. Àquela altura, menos de um ano depois da disputa eleitoral à presidência em 2014, o Brasil vivia uma aguda crise política. A então presidenta Dilma Rousseff enfrentava forte oposição conservadora no Legislativo e da mídia hegemônica; o apoio popular que conquistara nas eleições, perdera no início do segundo mandato, ao implementar medidas de ajuste fiscal. A ameaça de *impeachment* – embora ainda não houvesse pedido formalmente aceito – rondava o governo da presidenta. É nessa conjuntura que se dá o enunciado aqui analisado.

O vídeo que resume aquela jornada se inicia com Chico Buarque chegando ao campo e sendo recebido por João Stedile, uma das lideranças do MST, vestindo uma camiseta vermelha com a logomarca do Movimento. Em seguida, vêm imagens dos times se aquecendo. Aos 28 segundos, tem início uma entrevista de Stedile com Chico Buarque. Em plano médio, aparece, à esquerda da tela, Stedile, com microfone em punho, e Chico ao lado, vestido com moletom, camiseta e um boné do MST. Stedile indaga o cantor e compositor sobre a Escola Nacional Florestan Fernandes, construída pelo Movimento em Guararema, interior de São Paulo, referência para a luta campesina de todo o mundo, e que completava dez anos na ocasião daquele amistoso.

Chico Buarque lembra que já tinha contribuído com o MST compondo duas músicas para o projeto “Terra”, constituído de livro com fotografias de Sebastião Salgado, texto do escritor português José Saramago e disco com canções de autoria do próprio Chico. O cantor e compositor pondera não conhecer a Escola Florestan Fernandes (“só conheço assim, de fotos”, diz ele, enquanto manuseia um material impresso), mas afirma saber que a instituição “deu frutos”. Continua Buarque: “Ouço falar maravilhas, pela possibilidade da formação de quadros, de instrução política; e não

só isso - tem música, curso de literatura, tem arte”. Acrescenta que a Escola atende movimentos da América Latina e “promove uma integração, que é sempre bem-vinda, entre os nossos povos irmãos”.

Essa fala inicial dura pouco mais de um minuto e, em seguida, o vídeo apresenta 20 segundos de momentos de congraçamento entre os participantes do jogo, e lances da partida de futebol, para, na sequência, continuar transmitir a entrevista com Stedile ao lado de Chico; a liderança do MST conta ao compositor que, depois de o Movimento “consultar as bases”, decidiu por batizar de Sócrates Brasileiro<sup>14</sup> um campo de futebol que o MST estaria para inaugurar, “bonito como este teu aqui” (a partida se dá na cancha do Politeama, time de futebol de Chico Buarque). O artista afirma que a escolha “tem tudo a ver”, porque se estivesse vivo, Sócrates certamente estaria apoiando “a Escola [Florestan Fernandes], o MST; [Sócrates] participou de todas as lutas pela democracia”. Depois Stedile e Chico dialogam sobre Sócrates (lembranças; o fato de o jogador ter participado de partidas com Chico Buarque, de bate papos; causos em geral). Essa segunda parte da entrevista dura praticamente dois minutos; ao término dela, voltam a ser exibidas imagens do amistoso entre o time de Chico e o time do MST e dos petroleiros. Uma terceira parte da entrevista aborda ameaças à entrega do petróleo do pré-sal à exploração de companhias estrangeiras. Chico Buarque responde lembrando que “o petróleo é nosso - um velho lema, que deve ser lembrado sempre, porque há uma cobiça permanente em torno da Petrobrás”, e diz não acreditar que a sociedade deixaria que essa entrega se concretizasse. Terminado o assunto, mais lances do amistoso são apresentados, há também a entrega de um uniforme de petroleiro a Chico, feito por integrante da FUP; depois Stedile presenteia o artista com uma cesta com produtos da reforma agrária, dizendo ao cantor que nela tem uma “cachaça da boa, orgânica”. Na sequência, pede que o artista autografe três DVDs para enviar a “amigos da Venezuela”. O vídeo termina com mais lances da partida.

Constatamos que o reenquadramento da voz de Chico Buarque feito pelo MST em favor do Movimento e de causas ligadas aos movimentos sociais (como a defesa da nacionalização do petróleo da camada pré-sal) acentua valorativamente a enunciação.

---

<sup>14</sup>Jogador de futebol nascido em Belém (19/02/1954), revelado pelo Botafogo de Ribeirão Preto (SP), disputou duas Copas do Mundo pela seleção brasileira (1982 e 1986), e que jogou também por Corinthians, Fiorentina (Itália), Flamengo e Santos. Quando defendeu o Corinthians, nos anos 1980, liderou o movimento “Democracia Corinthiana”, que pleiteava maior participação dos atletas nas decisões do clube, e participou ativamente do movimento “Diretas Já”, em 1984. Sócrates, que se formou em Medicina e, por isso, era chamado também de “Doutor Sócrates” (e de “Magrão”) morreu 4 de dezembro de 2011. O campo foi inaugurado em 2017.

Como propõe Bakhtin (2014 [1920-1970], p. 141), “para adivinhar o significado verdadeiro das palavras de outrem pode ser decisivo saber-se quem fala e em que precisas circunstâncias”. Essa acentuação valorativa de que falamos – uma assinatura que legitima, dá credibilidade ao discurso - será de fato percebida se o interlocutor tiver conhecimento da representatividade da figura de Chico Buarque; esta proposta de análise infere que a palavra dele é uma palavra de credibilidade, de “autoridade” para determinado auditório social. Apostando nesse conhecimento partilhado de seu auditório social, o MST reenquadra a voz do artista, assinala a relevância da “circunstância” - “um amistoso”, isto é, um futebol entre amigos, companheiros.

No entanto, é preciso considerar que, na conjuntura de extrema polarização político-partidária em que se produziu a enunciação analisada, para determinados auditórios sociais Chico Buarque e Sócrates não são vozes representativas (ao contrário, podem até ser depreciadas ou desqualificadas). Já para o auditório social com o qual o MST busca manter interlocução, são, aí sim, figuras que avalizam a luta, o *modus operandi*, a orientação político-ideológica do Movimento.

Podemos inferir também que o vídeo em questão é um enunciado que, junto a outros enunciados produzidos pelo Movimento em outras mídias digitais, responde à narrativa predominante nos grandes veículos de comunicação que associa o MST “à baderna” (INTERVOZES, 2011) e o qualifica como “infrator, causador de conflitos e criminoso” (SOUZA et al., 2016b, p. 235) e não “civilizado, incompetente no cumprimento das normas sociais que regem a cidadania e os tempos modernos” (SOUZA e SILVA, 2013, p.190). A abordagem apresentada no *youtube* é um enunciado com um intuito de construir um contradiscurso a essa narrativa, de desconstruir esse discurso hegemônico de criminalização do Movimento. Afinal, se o MST fosse um promotor de “baderna” e não “civilizado”, como receberia o apoio de um intelectual da envergadura de Chico Buarque em um encontro esportivo em um formato conhecido pelos futebolistas de todo o país (e ratificado no vídeo) como “amistoso”?

A referência ao jogador Sócrates pode ser entendida como uma forma de trazer outra voz ao enunciado sendo construído naquela entrevista, que depois de gravada seria reenquadrada (cortada, editada, tratada esteticamente – som, imagem, montagem). Ao anunciar que as bases do MST decidiram homenagear o atleta e ao ouvir de Chico Buarque que Sócrates seguramente, se fosse vivo, estaria ao lado das lutas do MST, a enunciação traz em seu discurso, indiretamente, o discurso do jogador que foi craque em sua atividade e referência como cidadão, como figura pública, como um ator social

que transferiu seu prestígio esportivo para reforçar a luta pela democracia no país.

O próprio Chico Buarque, em sua fala, reenuncia um discurso de outrem que marca uma historicidade - “o petróleo é nosso”, slogan da campanha de criação e defesa da Petrobrás posta em marcha pelo governo de Getúlio Vargas, nos anos 1950. Bakhtin (2014 [1920-1970], p. 140) observa: “no discurso de qualquer pessoa que vive em sociedade, (em média) pelo menos metade de todas as palavras são de outrem reconhecidas como tais, transmissíveis em todos os graus possíveis de exatidão e imparcialidade (mais exatamente, de parcialidade)”. A enunciação de Chico Buarque, com apelo a um bordão histórico de defesa à produção estatal do petróleo brasileiro, reenquadrada pelo MST em seu enunciado, se dá em um cronotopo de encontro – de encontro de lutas e causas comuns entre o instante daquela enunciação e ao de lutas e causas remotas à origem do enunciado primeiro (a origem de “o petróleo é nosso”). E, desse encontro, o ingrediente do contradiscurso engendrado ali, pelo MST.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se enunciar, por meio de um enunciado multissemiótico como um vídeo no *youtube*, reenunciando a voz de uma personalidade com significativa credibilidade e representatividade em determinados espectros sociais (música, literatura, campo político progressista), o MST constrói um discurso de chancela a seu projeto de dizer. A reacentuação das falas do cantor e compositor Chico Buarque vai ao encontro do esforço em se contrapor à narrativa feita em torno do Movimento, pela mídia hegemônica.

Fundamental expor que um enunciado audiovisual como o vídeo em questão é resultado de um minucioso processo de planejamento, construção e elaboração. Além das imagens captadas, dos depoimentos colhidos, há todo um trabalho de acabamento da enunciação – a montagem, a edição e finalização do vídeo, a pós-edição. Há ainda o texto verbal que emoldura o vídeo no *youtube*, isto é, o título da postagem. As falas originais do entrevistado são de autoria deste; a enunciação final, resultado de todo um processo de elaboração e seus critérios de seleção dos discursos é de autoria do, no caso, “falante” MST – ainda que aqui sua autoria seja institucional, ou seja, é o MST enquanto organização quem, formal e institucionalmente, manifesta-se.

As demais enunciações audiovisuais listadas, com o intuito de observar se

reenquadramentos de vozes como a feita com o discurso de Chico Buarque se repetiam, apontam que a reacentuação das falas de terceiros é, de fato, recorrente. Assim como é corriqueira a reacentuação dessas vozes com o intuito de referendar o discurso engendrado pelo MST enquanto falante institucional. Discurso esse que aborda as bandeiras de luta do Movimento, seu *modus operandi*, e como é visto por atores representativos da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Cronotopo e exotopia*. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (publicação original: Moscou, 1979).
- \_\_\_\_\_. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, 34, 2015 [1929]
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec Editora, 2014 [1924-1970]
- \_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra São Paulo (sp): Editora 34, 2016 [1952-1953].
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHÍNOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2006 [1929].
- BARBOSA, Alexandre. *A Comunicação do MST: uma ação política contra-hegemônica*. 2013. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BRAIT, Beth. *Análise e teoria do discurso*. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- EMERSON, Caryl. MORSON, Gary. *Criação de uma prosaística*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora USP, 2008.
- INTERVOZES - COLETIVO BRASIL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (Brasil). *Vozes silenciadas: a cobertura da mídia sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito*. São Paulo: *Intervozes*, 2011. Disponível em <<http://www.intervozes.org.br/arquivos/interliv003vozsmt.pdf>>. Acesso em 16/07/2017.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Paraná: Criar edições, 2003.
- FECHINE, Yvana. Contribuições para uma semiotização da montagem. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lúcia (orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimento de semiótica*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- POE, Marshall. *A history of communications: media and society from the evolution of speech to the internet*. New York: Cambridge University Press, 2011.

- POLETTO, Ivo. A igreja, a CPT e a mobilização pela reforma agrária. In: CARTER, Miguel (org.). *Combatendo a desigualdade social - o MST e a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. Em: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 15, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/les/article/view/11815/8799>>. Acesso em: 12/02/2019.
- SAMPAIO, Plínio de Arruda. O impacto do MST no Brasil de hoje. In: CARTER, Miguel (org.). *Combatendo a desigualdade social - o MST e a reforma agrária no Brasil*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- SOUZA, Maurini de; SILVA, Uiara. O MST no Jornal Hoje: uma Análise Discursiva. Campinas: *Cadernos de Estudos Linguísticos* Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637297>. Acesso em 27/10/2019.
- SOUZA, Maurini de; FERREIRA, Douglas C.; RESENDE NETO, Mario R. MST e Jornal Nacional: uma relação dialética?. In: Juarez Poletto. (Org.). *Literatura e experiência humana: tecnologia e trabalho*. Curitiba: UTFPR, 2016a, v. 1, p. 227-238.
- SOUZA, Maurini de; FERREIRA, D. C. ; RESENDE NETO, M. R. . Da indiferença à abominação: o MST e a mídia. In: POLETTO, Juarez. (Org.). *Literatura e experiência humana: tecnologia e trabalho*. Curitiba: UTFPR, 2016b. p. 215-226.
- TEJERA, Marta H. Democracia/Ciberdemocracia: relações com o campo da Comunicação Social. In: BRITTES, Juçara (org.). *Saber militante: teoria e crítica nas políticas de comunicação do Brasil*. São Paulo: Intercom, 2013.
- TORO A., José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, Secretaria de Recursos Hídricos, Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior, Unicef: 1997.
- VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2013.

Data de recebimento: 28/01/2020  
 Data de aprovação: 11/05/2020